

DANÇA

Poesia de Carlos Drummond inspira espetáculo

Cia. Repentista do Corpo estreia coreografia na Oficina Cultural Oswald de Andrade

KARLA DUNDER

Carlos Drummond de Andrade publicou há 20 anos o livro de poemas *Corpo*. Em forma de homenagem e inspiração, a Cia. Repentista do Corpo estreia hoje a coreografia *Corpoemas* na Oficina Cultural Oswald de Andrade. O grupo também apresentará os trabalhos *Cordel Encorpado* e *Nessa Onda Que Eu Vou* até a quinta-feira.

Corpoemas nasceu de um convite da diretora da Oficina Cultural, Cássia Navas, ao grupo dentro do projeto de residências. Durante cinco meses a companhia recebeu uma verba para desenvolver a coreografia além de obter espaço para os ensaios. Em troca, foram ministradas quatro oficinas de dança contemporânea, teatro, iluminação e percussão corporal. "O convite veio em um mo-

mento importante, não temos patrocínio e somente com este apoio pudemos desenvolver uma nova coreografia", diz o coreógrafo Sérgio Rocha.

Os Repentistas do Corpo desenvolvem uma linguagem própria, baseada na percussão corporal e dos movimentos. "Buscamos sempre a comunicação com o público, sem muitos rodeios e para isso utilizamos a música e o teatro. A palavra é uma ponte entre o palco e a plateia". Em *Corpoemas*, o grupo investiga a sonoridade dos poemas e o reflexo que geram no corpo. Ritmo e rimas estimulam a toda a movimentação cênica.

"Foi um verdadeiro desafio trabalhar com um ícone da literatura brasileira como o Drummond. Nas experiências anteriores, partimos do

Cordel e da Bossa Nova, tínhamos muito material, frequentamos forrós, bailes e fomos ao Rio para fazer entrevistas", conta. Para este trabalho foram realizadas uma série de leituras e laboratórios teatrais para então chegar à gestualidade. "Sem dú-



Grupo desenvolve uma linguagem própria, baseada na percussão corporal e dos movimentos

vida, o resultado é bem diferente dos anteriores, que tinham uma carga de humor maior."

Para o próximo semestre, a residência coreográfica será com o ex-bailarino do Cullberg Ballet, Luiz Fernando Bongiovanni. Ele ministrará oficinas gratuitas abert-

tas ao público e workshops para bailarinos. De acordo com Cássia Navas, Bongiovanni focará suas aulas nas técnicas de improvisação desenvolvidas pelo coreógrafo William Forsythe. "Poucos artistas trabalham com essa técnica no Brasil, será uma oportunidade

interessante", diz Cássia.

Além das apresentações, a Oswald de Andrade abre espaço para oficinas que abrangem diferentes linguagens de dança, do hip hop à contemporânea. O tema deste ano é viver com arte. "Este é um departamento de for-

mação cultural e procuramos mostrar que todos os cidadãos podem viver com a arte, não apenas os artistas."

Vale conferir de perto o trabalho desenvolvido por Juliana Moraes, Zélia Monteiro e Andréa Bassit, que organiza uma oficina voltada para portadores e não portadores de deficiências físicas. A crítica Inês Bogéa tratará da Escrita da Dança. "A idéia é que as pessoas produzam textos, que fiquem à disposição na internet. São reflexões on line."

A programação do Oswald Convida conta com a presença de Dudu Herrmann e Dagá Dornelles. Ainda, um projeto que deve sair do papel: o Encontros Coreográficos São Paulo - Rio. "Essa é uma forma de abrir um canal ágil e barato de intercâmbio com a dança carioca. Em parceria com o Ateliê Coreográfico, os artistas poderão vir para cá ou ir para lá, se apresentarem e darão master classes."

SERVIÇO

Cia. Repentista do Corpo. De segunda a quinta, às 20 horas. Grátis. **Oficina Cultural Oswald de Andrade.** Rua Três Rios, 363, tel. 222-2662. Até quinta

RIMAS ESTIMULAM MOVIMENTOS CÊNICOS

VISUAIS

Os signos identificáveis de Vallauri

Exposição com pinturas feitas pelo artista morto em 1987 será aberta hoje, no Hotel Lycra

CAMILA MOLINA

Pop art americana reinventada nos trópicos. Com essas palavras, o curador João J. Spinelli indica um caminho da produção de Alex Vallauri (1949-1987). Grafiteiro e artista plástico, na década de 80 ele gravou pela cidade de São Paulo figuras como botas femininas, cartolas, criou uma personagem, a Rainha do Frango Assado, que até culminou em uma instalação de destaque na 18.ª Bienal de Arte de São Paulo, em 1985.

Mas vale dizer que Vallauri gra-

vou nos muros e não somente grafitou uma série de ícones carregados de humor, ironia, vivacidade, como bem defende Spinelli, curador da mostra *Matrizes/Pinturas*, que será inaugurada hoje à noite na galeria do Hotel Lycra e que reúne obras de Alex Vallauri, acrílicas sobre cartão, todas elas realizadas nos anos 80 e pertencentes à coleção da mãe do artista, Léa Vallauri.

Desenho, pintura, gravura, os gêneros eram dominados pelo artista plástico nascido na Etiópia, mas que se naturalizou brasileiro (chegou aqui em 1965, e em Santos, primeira cidade brasileira onde viveu, estudou xilogravura). Até que, mais tarde, Vallauri "percebeu que a obra de arte só poderia ser realmente entendida se o autor se preocupa-



Fotos Divulgação

'Relógio': pop art reinventada

se também com os anseios e as aspirações das pessoas comuns. Por isso, substituiu as técnicas gráficas tradicionais - executadas entre as quatro paredes

de seu ateliê - por grandes matrizes que à surdina estampava nos muros e paredes da cidade, criando assim signos imediatamente identificados, amados pela multidão anônima, que diariamente passava por aqueles lugares", analisa Spinelli. Vallauri queria transformar a cidade em arte viva, ele mesmo dizia, e a partir dessa intenção influenciou uma série de grafiteiros.

Pião, relógio, bicicleta, frango assado, fruteira, trompete. Lá estão nas obras presentes na exposição os ícones da cotidiano representados em "formas, cores e imagens inovadoras" para a época do artista. Influenciado, no fim da década de 70, pelo kitsch - "símbolo estandarizado da indústria de sonhos, típica das grandes metrópo-



Um trompete: figura transposta para o cartão

les", ainda palavras do curador - Vallauri transportava e recor-tava sobre o papelão suas "imagens figurativas sem legendas", que depois poderiam ser aplicadas sobre a parede - repetidas vezes - ou transpostas para o papel ou serem transformadas em pinturas.

SERVIÇO

Alex Vallauri. Diariamente, das 10 à 1 hora. **Galeria do Hotel Lycra.** Rua Oscar Freire, 1.055, tel. 3897-4400. Até 31/3. Abertura hoje, às 20 horas, para convidados

Acie cria prêmio para os melhores filmes brasileiros

RIO - O cinema nacional inaugura hoje seu Globo de Ouro. A exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, a Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira (Acie) criou seu prêmio para os melhores filmes brasileiros do ano passado. A entrega será hoje, no Centro Cultural Banco do Brasil, a partir de 20 horas. São seis categorias (filme, diretor, roteiro, ator, atriz, documentário) e os vencedores receberão um troféu da H. Stern. "A diferença é que nós não somos especializados em cultura, como acontece lá", esclarece o presidente da instituição, Michael Astor, correspondente da Associated Press. A Acie reúne 130 profissionais de 30 países e criou o prêmio diante da projeção que o cinema brasileiro ganhou nos últimos anos dentro e fora do País e também para aumentar sua visibilidade entre os profissionais da indústria cinematográfica.

Ainda abertas inscrições para o Anima Mundi

RIO - As inscrições para o Anima Mundi, que ocorre em julho, no Rio e em São Paulo, estão abertas até o dia 26. Os candidatos devem preencher o formulário do site www.animamundi.com.br e mandar uma cópia da obra para a sede do festival, no Rio.

Pavarotti canta pela última vez no Metropolitan

NOVA YORK - Quinze minutos de aplausos marcaram a despedida do tenor Luciano Pavarotti, anteontem, no Metropolitan de Nova York. O público pediu dez vezes bis ao cantor, de 68 anos. Já os críticos se dividiram. O *New York Times* disse que ele estava "pesado" e "quase imóvel" em *Tosca*. (AFP)

Michael Moore é atacado em documentário

LOS ANGELES - O cineasta Michael Moore tomou uma dose do próprio veneno. O agitador político, diretor de *Tiros em Columbine*, é alvo do documentário *Michael Moore Odeia a América*, do diretor Mike Wilson, que o acusa de distorcer e omitir fatos em seu filme de maior sucesso. (The Sunday Times)

Termina hoje inscrição para festival em BH

Termina hoje o prazo para inscrição de espetáculo no 7.º Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte, que será realizado entre os dias 18 e 29 de agosto. Os interessados ainda podem enviar material para a Rua Sapucaí, 571, 1.º andar, Floresta, BH, CEP 30150-050. Mais informações pelo tel. (31) 3277-4366.

Artistas plásticos recebem Ordem do Ipiranga

O governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, vai entregar hoje, a partir das 11 horas, em cerimônia a ser realizada na Pinacoteca do Estado (Praça da Luz, 2, tel. 229-9844), a Comenda da Ordem do Ipiranga para os artistas plásticos atuantes em São Paulo e que nasceram antes de 1924. São diversas as suas origens, muitos se naturalizaram, mas todos dedicaram suas vidas às artes. Os homenageados pelo governador são: o cearense Aldemir Martins (Ingazeiras, 1922), o polonês Anatol Wladyslaw (Varsóvia, 1913), o argentino Antonio Lizárraga (Buenos Aires, 1924), os paulistanos Arcangelo Ianelli (1922), Hércules Barsotti (1914) e Hermelindo Fiaminghi (1920), o paulista Odeto Guersoni (Jaboticabal, 1924) e a japonesa Tomie Ohtake (Kyoto, 1913).

Quer saber de tudo o que está rolando no Vivo Open Air?

Sintonize a Eldorado FM 92,9

Eldorado FM, a rádio oficial do Vivo Open Air. de 19/03 a 08/04/2004

Confira a programação: www.radioeldoradofm.com.br

O BRASIL VEM. VOCÊ NÃO VEM?



SENNA IN CONCERT
2004



NÃO PERCA ESTE MEGASHOW
20 DE MARÇO
ÀS 20h30
ESTÁDIO DO PACAEMBU

ticketmaster vendas 11 6846 6000
BRASIL www.ticketmaster.com.br

Pontos de venda: Saraiva Morumbi Shop, e Shop, Eldorado - Direct Music Hall - Teatro Abel - Laseiva Aerop. Congonhas - Friac SP e Campinas. Vendas a prazo: CONDOMÍNIO

Disponível também nas bilheterias do Pacaembu

Renda revertida para o Instituto Ayrton Senna



RENAULT



Apoio:



CHANDON

30 Golden Cross

ESTADÃO CULTURA

Realização:

sightmomentum

OLHAR

ADRIAN SEARLE
The Guardian

Louise Bourgeois nasceu num outro mundo, no dia de Natal, em Paris, em 1911. A carreira da artista imigrante francesa, que se mudou para Nova York em 1938, se desenvolveu lentamente. Dizem que o sucesso crítico e comercial só veio quando ela já era sexagenária. Mas a carreira de Louise é um pouco mais complicada que isso e, embora o Museu de Arte Moderna de Nova York só lhe tenha dedicado uma retrospectiva em 1982 (a primeira que a casa montou para uma mulher), ela já era bastante conhecida e respeitada, apesar de considerada inclassificável, marginal, talvez até um pouco excêntrica. Mas a exposição a transformou, se não da noite para o dia, na grande dama da arte americana. Aquele foi também o ano em que o fotógrafo Robert Mapplethorpe fez os famosos retratos da artista. Ela chegou a seu estúdio vestindo um casaco negro de pele de macaco e levando alguma coisa embaixo do braço como uma espécie de suporte: uma grande e obscena escultura de látex preto, lembrando um pênis e os testículos.

Ela insistiu que não se tratava absolutamente de um falo. Era, disse a artista, sua Fillette, sua pequena garota. Nas imagens de Mapplethorpe, Louise Bourgeois sorri para a câmera, travessa. A imagem é ao mesmo tempo imensamente sedutora e um tanto aterradorizante. Como seria possível não se apaixonar um pouco por Louise? Suas entrevistas, declarações e textos são um modelo de paixão, análise e introspecção artísticas. Ela escreveu, numa ocasião: "Minha infância nunca perdeu seu mistério e nunca perdeu seu drama. Toda a minha obra dos últimos 50 anos, todos os meus temas encontraram sua inspiração em minha infância." Sua influência sobre jovens artistas tem sido complexa. Seu estilo, como o de todos os artistas grandes e individualistas, é inacessível. Sua influência, tanto quanto qualquer outra coisa, está em sua persistência, no grande drama poético de sua obra e no modo como ela transformou a experiência e o trauma pessoais numa linguagem e trilhou o próprio caminho através dos movimentos artísticos do século passado.

De certo modo, a história de Louise Bourgeois corre paralela à do modernismo e do surrealismo. Mesmo assim, ela sempre esteve, de alguma forma, distante. Isso também é sua força. A artista estudou com Leger (que a convenceu de que ela era uma escultora, mais que uma pintora), conheceu Bonnard e Breton, Brancusi e Duchamp, mas nunca pôde ser definida como pertencente a uma geração ou movimento. Sua carreira também espelhou o lugar das artistas no século 20. Para marcar a abertura de uma exposição de sua obra na galeria Fruitmarket, na semana passada, em Edimburgo, pedi a vários artistas, críticos e escritores que lhe apresentassem uma questão, sobre um tópico de sua escolha. Alguns fizeram mais de uma pergunta.

Rachel Whiteread (escultora) – Qual sua invenção favorita (desde que seja de sua época)?

Louise Bourgeois – Não assisto à TV. Não uso computador, fax ou celular. Não estou dirigindo nem voando para nenhum lugar. Assim, eu teria de dizer que é o rádio. Ouço rádio à noite.

Marina Warner (escritora) – Crescer na França significou contato com os rituais sensoriais e a atmosfera da Igreja e com suas crenças num deus encarnado? E algo disso teve conexão com sua imaginação da carne?

Louise – Fui criada como uma católica. Mas eu não sou religiosa. Em minha obra, estou interessada apenas na carne e no sangue reais.

Juergen Teller (fotógrafo) – Que importância tem ou teve o sexo para sua obra?

Louise – Penso que o sexo e a ausência do sexo são enormemente importantes. É isso.

Richard Wentworth (artista plástico) – Você obviamente gosta de oposições. Você falou algumas vezes sobre seu pai e por isso sempre me perguntei: qual a diferença entre as inteligências da artista e do artista? E se você fosse um homem e sua mãe tivesse sido uma poderosa fonte para sua obra?



A grande dama das artes plásticas dos Estados Unidos tem 92 anos e ainda trabalha com muita garra e irreverência em sua arte, tida para muitos como inclassificável, marginal e excêntrica. Para marcar a abertura de uma nova exposição, no início do mês, em Edimburgo, artistas, escritores e críticos, a pedido do jornal 'The Guardian', fizeram perguntas a ela sobre sua vida e obra.

DE LOUISE

Yinka Shonibare (artista plástico) – Você gosta de flores? Se tem uma preferida, qual é e em que ela a faz pensar?

Louise – Acho as flores belas, mas gosto bem mais de chocolates.

Marlene Dumas (pintora) – O que a mantém trabalhando?

Louise – Algumas pessoas dizem que tudo já foi feito na arte. Digo o oposto. Ainda sinto que existem muitas coisas que quero dizer e tenho de dizer.

Cristina Iglesias (escultora) – Qual é o lugar da fantasia em sua obra? Como um estado de espírito, ela pode ser útil?

Louise – Não estou preocupada com a fantasia em minha obra. Estou interessada exclusivamente no hoje, aqui e agora.

Francis Upritchard (artista plástico) – Qual foi seu sonho memorável mais recente?

Louise – Não me lembro de meus sonhos. Mas lembro-me de um sonho de muito tempo atrás, no qual meu pai chorava e um gato veio e sorveu suas lágrimas.

Chris Ofili (pintor) – Se você tivesse um sonho recorrente, qual poderia ser a trilha sonora desse sonho?

Louise – Componho minha própria música. Na verdade, canto o dia inteiro.

Adrian Searle – O que sua obra lhe ensinou até hoje?

Bourgeois – Sinto que minha obra tornou-me uma pessoa melhor. Ou pelo menos espero, porque tento ser boa.

Como podemos interpretar essas respostas às vezes veladas? Uma vez, numa mostra em Veneza, ouvi por acaso um visitante americano conversando com sua mulher. Eles observavam *Cell (Arch of Hysteria)*, de Louise, uma cena escultural na qual uma figura em bronze do corpo de uma mulher nua é contorcida num espasmo arqueado sobre a cama, com a manta padronizada com a frase repetida "Je t'aime". Ao lado da cama há uma velha serra de fita industrial. O homem voltou-se para sua companheira e anunciou, para que todos pudessem ouvir: "Louise Bourgeois nunca gostou muito de seu pai." E depois de um breve silêncio: "Nem ele dela."

Segundo a própria Louise, muito do que tem impulsionado sua arte vem do fato de que, em primeiro lugar, seu nascimento no dia de Natal atrapalhou as festividades da família; em segundo lugar, sua babá foi amante de seu pai.

Ao longo dos anos, sua arte, como mostram suas respostas às perguntas aqui, tornou-se mais sucinta e direta. Ela tem pouco tempo a perder e está cada vez mais reclusa. A travessura e a perversidade de Louise Bourgeois e a agudeza de sua personalidade são transferidas para sua arte, com suas violências, delicadezas, choques. "Não preciso provar nada aos outros. A expressão é a motivação. É extravasamento. Ter a possibilidade de extravasar é um privilégio." Talvez ela é que deveria estar fazendo as perguntas. (Tradução de Alexandre Moschella)

Louise – Só posso falar da perspectiva de uma mulher. Não posso falar por um homem. Nunca fui um homem. Minha mãe acreditava em mim. Ela era uma feminista. Se eu fosse um homem, não sei como isso teria mudado nossa relação. Tive, sim, um irmão. Se eu fosse um homem, teria tido uma relação bem diferente com meu pai. Em muitos aspectos, fui o filho bem-sucedido que ele queria. Afinal, eu era sua cópia perfeita.

John Berger (escritor) – Há espaço em todo lugar ou apenas em alguns?

Louise – Espaço é algo que você tem de definir. De outro modo, é como ansiedade, algo muito vago. Um medo é algo específico. Gosto de espaços claustrofóbicos, porque neles você pelo menos conhece seus limites.

Berger – Existe um instrumento musical cujo som seja um pouco parecido com o de seus desenhos?

Louise – O piano. Às vezes os desenhos podem ser uma simples nota, às vezes se tornam elaborados.

Berger – O que lhe causou arrepios recentemente?

Louise – A ideia de que minha fonte de inspiração desapareceu.

Berger – Em sua idade, algumas das obras mais surpreendentes que você criou hoje andam ao seu lado em vez de confrontá-la?

Louise – Eu estou interessada exclusivamente naquilo em que estou trabalhando agora. Assim que termino uma obra, ela sai de casa, ela se foi e cumpriu seu propósito.

Tacita Dean (artista plástica) – Você se esquece de sua idade quando desenha?

Louise – Eu sempre disse que as emoções que estou interessada em explorar não têm relação com sexo e, nesse caso, idade.

Louise Neri (escritora e curadora) – Você acredita em sua biografia?

Louise – Penso que os fatos da vida de alguém são apenas e tão somente fatos. Quando você lida com as emoções, entra em outro mundo e em outra cronologia. As emoções de hoje estão ligadas ao passado e ainda ficam operantes.

Darian Leader (psicanalista e escritor) – Depois de todos esses anos de trabalho, por quais idéias e materiais você se sente atraída novamente?

Louise – Meus temas sempre vêm e vão, mas sempre permanecem constantes. A incapacidade de se fazer amada está sempre na raiz do problema. Às vezes trabalho para ser amada, outras vezes trabalho porque não me sinto amada.

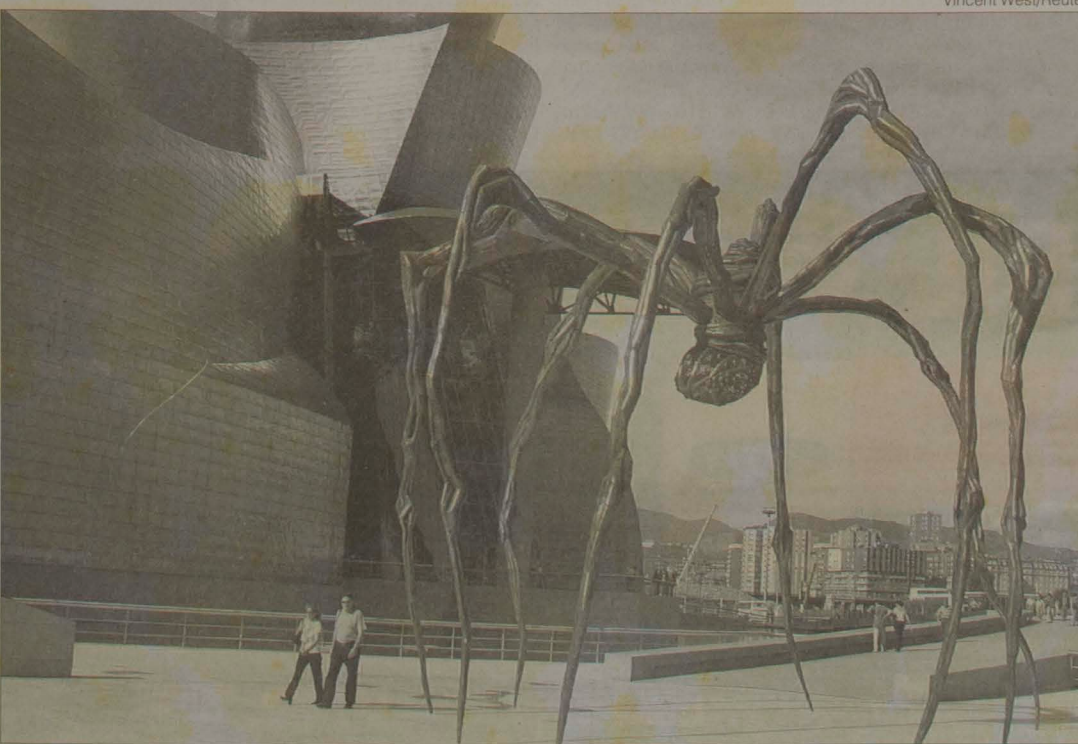
Leader – Houve algum período prolongado em que você foi incapaz de trabalhar? Você tem idéia por quê?

Louise – Nunca parei de trabalhar. Houve momentos de depressão que com certeza atrapalharam. Mas sei também que sempre pude contar com meu trabalho para me tirar da depressão.

Leader – O que, para você, dá consistência ao corpo humano (o que dá a um ser humano a sensação de possuir um corpo)?

Louise – O que me interessa é como meu corpo responde ao Outro.

Vincent West/Reuters



Uma de suas obras conhecidas, 'Spider'. "Gosto de espaços claustrofóbicos, porque neles você pelo menos conhece seus limites"